



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM PERFIL INSTITUCIONAL DO TWITTER: (IN)ADEQUAÇÃO À SITUAÇÃO SOCIOCOMUNICATIVA?

Sandy Tavares de Almeida
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: sandyalmeida11@gmail.com

Ana Cláudia Oliveira Azevedo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: 98anaclaudia@gmail.com

Marcia Helena de Melo Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Conforme aponta Bakhtin (1997), o uso da língua, nas diferentes esferas da atividade humana, ocorre sempre por meio de gêneros do discurso, os quais são constituídos pela sua estrutura composicional, conteúdo temático e estilo. Esse uso, porém, não ocorre de maneira homogênea, ou seja, da mesma forma por parte de todos os usuários. Nesse bojo, entram questões de variação e mudança linguística, teoria fundada por William Labov, linguista estadunidense cujas pesquisas apresentaram questões elementares acerca da relação entre língua e sociedade. De acordo com Coelho (2010), para Labov um falante não se expressa da mesma maneira que o outro, como também não se expressa da mesma maneira em diferentes contextos comunicacionais. Nesse sentido, diferentes situações e ambientes de comunicação resultarão em diferentes comportamentos linguísticos, sendo estes mais ou menos informais e mais ou menos próximos da norma padrão de uso da língua, etc.

A falta de compreensão dessas relações entre a língua e a sociedade leva ao preconceito linguístico. Como consequência, a pluralidade da língua é vista como inadequada e as variações são consideradas algo incorreto e desprezível, uma vez que o parâmetro de comparação é com a Gramática Tradicional. É importante destacar que o julgamento, nesses casos, não é diretamente linguístico, mas, sim, social, uma vez que as camadas dominantes econômica e culturalmente menosprezam as variantes linguísticas usadas pelas camadas dominadas que, geralmente, se afastam do padrão prescrito.



De acordo com Marcuschi (2003), as diferentes atividades comunicativas do dia-a-dia ocorrem por meio de formas estabilizadas de textos, as quais são nomeadas de gêneros textuais, concepção que vai ao encontro dos postulados de Bakhtin (1997). Marcuschi (2003) comenta que, com o advento de novas tecnologias, como a internet, surgiram novos gêneros, os quais, geralmente, apresentam características de gêneros já existentes. Dentre esses chamados gêneros emergentes, encontra-se o *tweet*, texto de até 280 caracteres¹ postado na rede social Twitter, que lhe serve de suporte. Isto é, a plataforma Twitter, conforme Barth e Freitas (2015) é o lócus virtual para a materialização de textos no gênero *tweet*, cujo propósito comunicativo varia a depender do perfil que o publica. Assim como outros gêneros digitais, os *tweets* são formas híbridas de linguagem, visto que, além de palavras e *emoticons*, podem conter imagens, GIFs, vídeos, enquetes, dentre outros recursos, que auxiliam na construção de seu sentido.

Há, no Twitter, diferentes perfis, com diferentes propósitos comunicativos, os quais vão desde comentários acerca de acontecimentos corriqueiros até a divulgação e venda de produtos, além de *tweets* de notícia, humor, etc. De acordo com Barth e Freitas (2015), os propósitos comunicativos de cada usuário do Twitter seriam responsáveis por estabelecer o estilo e o conteúdo temático dos *tweets* publicados naquele perfil. Logo, perfis que representam instituições e perfis jornalísticos, por exemplo, teriam uma maior limitação no que diz respeito ao tema e ao estilo – provavelmente, mais formal e adequado à norma padrão da língua –, ao passo que perfis de humor ou de “pessoas comuns”, por sua vez, teriam mais liberdade temática e estilística, apresentando, mais frequentemente, variantes diferentes do padrão.

Com base nas discussões acima expostas, o objetivo desse trabalho é observar as discussões empreendidas a partir de um *tweet* postado no perfil institucional da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) na rede social Twitter (@UesbOficial), a fim de avaliar de que maneira ocorre o uso de recursos linguísticos pelo perfil da instituição. Além disso, buscamos, por meio dos pressupostos da Sociolinguística, demonstrar o preconceito linguístico de um usuário que critica a linguagem usada no *tweet* publicado pelo perfil oficial da Universidade.

¹ Até 2017, o limite de caracteres dos *tweets* era de 140.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para essa reflexão consistiu na seleção de um *tweet* do perfil institucional @UesbOficial no Twitter, publicado no dia 28 de janeiro de 2019, em resposta a um usuário que perguntara quando ocorreria o retorno às aulas na Universidade, e de algumas de suas respostas. Esse *tweet* selecionado apresenta, em suas respostas, uma crítica, feita por um terceiro usuário, a respeito do vocabulário usado pelo perfil institucional, o que suscitou uma discussão entre diversos usuários.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para melhor compreensão das reflexões a serem apresentadas nesse trabalho, observemos a figura 1, com a captura de tela dos *tweets* acima mencionados:

Figura 1: Tweet do perfil @NetoIturussu, em resposta ao perfil @UesbOficial, que, por sua vez, replicara uma pergunta feita pelo perfil @_InTrosPectiVa.



Disponível em: <https://twitter.com/NetoIturussu/status/1089856852341473281>

O último *tweet* apresentado na figura 1 demonstra uma crítica do usuário @NetoIturussu ao vocabulário usado pelo perfil @UesbOficial, no *tweet* anterior a ele. Essa crítica rendeu algumas reações por diferentes usuários, principalmente por quem havia feito a pergunta ao perfil da UESB, @_InTrosPectiVa. Nessa discussão, @_InTrosPectiVa argumenta que o perfil @UesbOficial estaria buscando, por meio do marketing digital, se aproximar do público alvo, adequando-se ao contexto de uma rede social. @NetoIturussu, por sua vez, responde com outros *tweets*, nos quais afirma que a UESB, por ser uma instituição de ensino com dotação orçamentária, tem o dever de

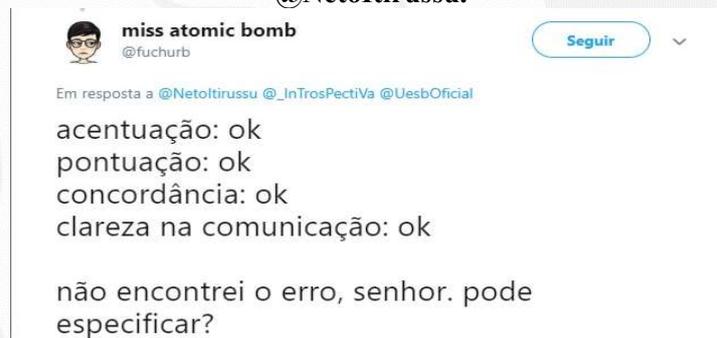


“ensinar o português correto bem como a boa linguagem, e não seguir ‘modinhas’ como bois em manada”². Para ele, “não é papel de uma universidade pública sustentada com impostos dos contribuintes divulgar português errado, de forma oficial. A Uesb deve ser uma propulsora de conhecimento e não uma mesa de bar”³.

Ao analisar os *tweets* do usuário @NetoItirussu, em resposta ao perfil @UesbOficial, é possível perceber indícios de preconceito linguístico, desde o uso de termos como “português correto/português errado” e “boa linguagem” até o comentário de que a postura adotada pelo perfil da instituição caberia a uma mesa de bar, mas não a uma instituição de ensino. Por meio desses argumentos, @NetoItirussu menospreza a pluralidade linguística, visto que seus *tweets* indiciam que ele considera haver uma única forma “correta” e “boa” de se usar o português, da qual, segundo ele, o *tweet* do perfil da UESB se afasta. Por isso, ao considerar que “os falantes que ‘erram’ em suas escolhas ao falar e ao escrever são [...] imperfeitos” (COELHO, 2010. p. 35), critica o perfil @UesbOficial, por considerar que o uso da gíria “miga” é inaceitável e errado, mesmo no contexto de uma rede social.

Além disso, é importante ressaltar que, ao contrário do que é dito por @NetoItirussu, o *tweet* postado pelo perfil @UesbOficial – “Voltamos com as atividades acadêmicas nesta sexta, dia 1º, miga! 🍷” – não foge à norma padrão da língua portuguesa, conforme destaca o usuário @fuchurb:

Figura 2: tweet publicado por @fuchurb, em resposta ao comentário feito por @NetoItirussu.



Disponível em: <https://twitter.com/fuchurb/status/1089926145745793026>

² <https://twitter.com/NetoItirussu/status/1089870546299441152>

³ <https://twitter.com/NetoItirussu/status/1089884795361026048>



No *tweet* exibido na figura 2, @fuchurb mostra que o *tweet* do perfil @UesbOficial apresenta correção na acentuação, pontuação e concordância, além de demonstrar clareza na comunicação, ou seja, não foge à modalidade padrão da língua portuguesa, tampouco é inadequado ao contexto sociocomunicativo. Por meio dessa afirmação, é possível perceber que o usuário @NetoItirussu critica o uso linguístico no *tweet* do perfil @UesbOficial unicamente por conta do emprego da gíria “miga”, comum nas redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da discussão empreendida a partir de um *tweet* publicado pelo perfil oficial da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no Twitter mostra que o usuário @NetoItirussu apresenta uma atitude conservadora e preconceituosa quanto à língua, especialmente no que diz respeito ao seu uso por um perfil que representa uma instituição. Concluímos que o usuário não reconhece o propósito comunicativo do perfil @UesbOficial, qual seja: interagir com o público da universidade. Esse propósito exige, portanto, uma adaptação à linguagem utilizada pelo público com o qual busca interagir, bem como uma adaptação às características dos *tweets*, que, dentro de seus 280 caracteres, abrem espaço para uso de gírias, emojis e outras estratégias linguísticas de adequação à situação sociocomunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero *Tweet*; Preconceito Linguístico; Propósito Comunicativo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTH, P. A.; FREITAS, E. C. **Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no twitter**. Revista (Con)Textos Linguísticos. v. 9, n. 12 (2015).

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros Textuais: definição e textualidade”. IN: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. (Orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

E
E. SANTANA